
Esse sou eu, outro não dá pra ser: tensionamento de identidades e o consumo simbólico de Rico Dalasam como epítome de interseccionalidade¹

Betina de Jesus GUEDES²
Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo, SP

RESUMO

Rico Dalasam é um artista LGBTQIA+, precursor no rap, um corpo preto e periférico, que atravessou barreiras físicas e simbólicas, indo na contramão do convencional no campo da música e na esfera da internet. As expressões, discursos e signos que Rico agencia, coloca o consumo de sua arte num lugar simbólico, onde como isso é apropriado pelo público pode ser abalizado como um ato de identificação ou de diferenciação cultural. Sendo assim, este artigo objetiva compreender quais são os diferentes marcadores identitários expressivos no consumo simbólico de Rico, através de trechos da sua obra. O embasamento teórico são os estudos culturais latino-americanos (Néstor García Canclini e Jesús Martín-Barbero), com a lente do consumo cultural como meio de negociar, situar e acentuar identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade cultural; consumos; corporalidades; a(r)tivismos; Rico Dalasam.

INTRODUÇÃO

Dentre as lentes disponíveis para compreender e definir cultura, tem-se a que a visualiza como espaço de resistência e de produção de significados, como campo de luta simbólica, onde diferentes grupos sociais negociam e disputam o significado das mensagens midiáticas. Nessa mesma lógica, as práticas comunicativas são o meio que possibilita perceber como a cultura é produzida, negociada e contestada, afinal, a cultura não é fixa ou universal, mas sim, está sendo o tempo todo socialmente construída e pautada por relações de poder, valores e ideologias.

Sendo a cultura uma esfera em que ocorrem processos de produção, circulação e consumo de significados, ela acaba por englobar aspectos como valores, crenças, normas, linguagem, expressões artísticas e formas de sociabilidade, onde diferentes grupos sociais constroem suas identidades e expressam suas visões de mundo. A identidade construída do indivíduo perpassa por questões de gênero, classe, etnia e

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestranda em Comunicação e práticas do consumo pelo PPGCOM-ESPM e pesquisadora do grupo Juvenália, e-mail: betinaguedes.bg@gmail.com

sexualidade, que impactam (e são impactadas) diretamente pelas representações e os discursos midiáticos, que podem reforçar ou contestar as relações de poder existentes na sociedade.

A partir das interações entre os indivíduos, as identidades são formadas e os grupos sociais e as estruturas culturais são engendradas. Tomando as sociedades latino-americanas como recorte geográfico, a construção das identidades foram (e são) marcadas por processos de hibridização e transculturação, resultantes do encontro e da interação de diferentes culturas que se chocam desde o início da sua construção, que se deu através da colonização e da imigração (MARTÍN-BARBERO, 1997). Desta forma, a identidade pode ser compreendida como fluida e dinâmica, sendo moldada pela adesão a certos códigos culturais e pela negociação de significados.

Dentro desse contexto, os atos de consumo são, de certa forma, atos culturais, pois possibilitam a materialização dos códigos culturais aderidos a fim de realizar operações de distinção simbólica, de integração, de comunicação, de expressão dos desejos e de ritualização da sua satisfação (CANCLINI, 1999). Com isso, é possível assumir como premissa que a construção das identidades é baseada no pertencimento dentro de um contexto multicultural (HALL, 2004).

Os repertórios textuais e iconográficos que circulam em meios eletrônicos de comunicação, são os grandes responsáveis pelas formações identitárias na pós-modernidade (CANCLINI, 1996). Nesse cenário, Canclini observa uma fragmentação das práticas de consumo cultural, onde as tradições e interações locais diminuem, e a mídia passa a ocupar essas lacunas. Conseqüentemente, o indivíduo que antes estava imerso em uma identidade unificada e estável, agora vem se fragmentando, podendo se identificar não apenas com uma identidade, mas com várias.

Sendo assim, este artigo, busca compreender os diferentes marcadores identitários significativos associados ao artista Rico Dalasam e a maneira como as expressões, discursos e signos que ele agencia podem colocar o consumo de sua arte em um lugar simbólico, onde a apropriação feita pelo público pode ser abalizada como um ato de identificação e/ou diferenciação cultural. Rico Dalasam é um artista LGBTQIA+, precursor no rap, um corpo preto e periférico, que atravessou barreiras físicas e simbólicas, indo na contramão do que é convencionalmente consumido no campo da música e na esfera da internet. A relevância de Rico perpassa profundas camadas, indo

desde à representação LGBTQIA+, à desconstrução de estereótipos até ao engajamento social e à autenticidade artística, se estabelecendo como presença valiosa na cena musical.

O CICLO DO CONSUMO: A CULTURA QUE FOMENTA E É FOMENTADA

A cultura carrega consigo um caráter dúbio, onde ao mesmo passo que é profundamente subjetiva e pessoal, é também uma estrutura em que o indivíduo vive e está inserido (HALL, 2003). Dentro dessa dinâmica correlativa, pode-se pensar cultura como um sistema interativo composto por produção, circulação, recepção e consumo, onde as trocas, dentro de um contexto social, levam a construção identitária dos sujeitos e a criação de significados e simbolismos. Ao observar com essa lente, a cultura é compreendida como um conjunto de práticas e processos de produção de fenômenos que utilizam de símbolos das estruturas para compreender, reproduzir ou transformar o sistema social (CANCLINI, 1996).

A lógica do sistema de produção, ou seja, a maneira com que se produz e se consome, pode ser pensada através das mediações, isto é, do espaço da experiência do sujeito. Portanto, o que se produz nos meios não responde apenas ao sistema industrial e a lógica comercial (MARTÍN-BARBERO, 1997), não sendo tão linear e direta a relação produção-recepção. O propósito do que está sendo produzido precisa ser encarado como "em aberto", afinal as possibilidades de decodificação são inúmeras, dependendo da audiência receptora, que é formada por sujeitos ativos e capazes de produzir sentido (ESCOSTEGUY, JACKS; 2005).

Os produtos culturais consumidos por indivíduos e grupos podem estabelecer múltiplos modos de uso e de leitura dos seus conteúdos, isso porque existe uma intervenção de cenários decodificadores e reinterpretores, como a família, a escola, o bairro, e outras instâncias micro sociais (CANCLINI, 1999). Tudo o que se é produzido, acaba por ser como um texto aberto, onde aquele que consome precisará cooperar para o completar e significar. Todo bem é um estímulo para pensar e simultaneamente um lugar impensado, parcialmente vazio, no qual os consumidores, quando o inserem em suas redes cotidianas, atribuem sentidos singulares. O consumidor nunca é um criador absoluto, mas o emissor também não é onipotente (CANCLINI, 1999, p. 92).

Com isso, ao consumir bens culturais, o sujeito o faz como "acessórios rituais", de maneira racional, afinal o público consumidor não apenas consome bens e mensagens, mas se apropria deles, atribuindo sentido. Ao consumirem um produto cultural de determinado artista, por exemplo, o consumidor anseia pelo o que aquilo representa para a formação e afirmação da sua identidade (CANCLINI, 1996).

O CONSUMO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

A relação entre o consumidor e o consumo (físico ou simbólico) é compreendida pelos estudos culturais como interdependente, tendo os meios de comunicação como principal mediador e as formações de identidade como consequentes ao processo. A comunicação é uma troca potente que nasce a partir da interação entre sujeitos socialmente moldados, criando-se a partir dessa troca a possibilidade de romper e/ou continuar com memórias coletivamente construídas, e influenciando então no processo de molde e re-molde dos indivíduos (MARTÍN-BARBERO, 2004).

O consumo na sociedade pós-moderna foi profundamente marcado pelo acontecimento da globalização e a consequente ampliação na oferta de produtos e estilo de vida, a mixagem de diversas culturas (MARTÍN-BARBERO, 2014) e o surgimento de novas formas de interação social à distância. Partindo da perspectiva do conceito que define consumo como criador de sentido (CANCLINI, 1996) e chegando ao recorte do consumo cultural na sociedade latino-americano pós-moderna, é compreensível que as novas dinâmicas decorrentes à globalização tenham impactado os processos de produção e consumo dos produtos culturais, e sendo esses, intrinsecamente conectados a construção de identidade dos grupos e indivíduos, formas híbridas de identidade passam a surgir.

As identidades na sociedade contemporânea apresentam então uma forma heterogênea, plural, múltipla, sendo recorrentemente utilizada como fator aglutinador ou repelente de indivíduos a determinados grupos sociais. Portanto, dentro desse contexto, o consumo pode ser definido como um sistema de códigos, no qual aquilo que se consome é dotado de simbolismos e, através do consumo, valores sociais e culturais são transmitidos, comunicando preferências e afinidades.

As práticas de significação produzem significados que envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído

(WOODWARD, 2000). A cultura é capaz de moldar a identidade a partir do momento que dá sentido à experiência e torna possível escolher, dentre várias identidades existentes, por um modo específico de subjetividade. Os sistemas simbólicos proporcionam novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados (WOODWARD, 2000, p.18-19).

A linguagem e os sistemas simbólicos são responsáveis por fornecerem sentido às identidades através da representação. As representações são práticas de construção de significados através do uso de signos, linguagem, imagens, formas, etc. que possibilitam classificar tudo o que existe e se relaciona, de maneira simbólica. Sendo assim, a representação de uma identidade é, simultaneamente, ativa e passiva, no sentido que representa um processo social, mas também é consequência desse processo (WOODWARD, 2000).

Além disso, a representação viabiliza o estabelecimento das identidades dos sujeitos, consigo, e em grupo, podendo então proporcionar resposta para perguntas como: "Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?" (WOODWARD, 2000, p. 17). Isso porque através dos discursos e dos sistemas de representação, os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar (e a partir dos quais podem falar), são construídos (WOODWARD, 2000).

RICO DALASAM: TORNANDO VISÍVEL O QUE NÃO ENCONTRAVA LUGAR PARA SER VISTO

Jefferson Ricardo da Silva nasceu e cresceu em um bairro periférico de Taboão da Serra, na Grande São Paulo, e desde muito cedo soube que carregava consigo um corpo dissensual, a começar por quando, pelos esforços de sua mãe, passou a frequentar um colégio particular, onde todos os alunos eram brancos. Um corpo preto, LGBTQIA+ e periférico, que em busca de encontrar o seu lugar no mundo, chegou ao rap. Formado nas batalhas de MCs do metrô Santa Cruz, Jefferson logo adota o nome Rico Dalasam, abreviação de "Disponho Armas Libertárias A Sonhos Antes Mutilados", e passa a compor a sua musicalidade com uma mistura entre o rap e o pop, com letras que descrevem a sua vivência como um corpo periférico, *queer* e racializado.

É neste sentido que Rico parece expressar perfeitamente o que Rancière diz por dar a ver aquilo que não encontrava um lugar para ser visto e permitir escutar como discurso aquilo que só era percebido como ruído (RANCIÈRE, 1996). E por isso, acaba por colocar sua obra artística como relevante, porque é política, afinal ele próprio (junto a tudo o que produz) é uma forma de questionar o senso comum, aquilo tido como certo, como o inquestionável. É político tudo aquilo que à frente de olhos acostumados à "normalidade" (e à normalização) provoca a mudança nos modos usuais de aparência e circulação de palavras, corpos e imagens (MARQUES, 2014).

Em 2014 Rico lança seu primeiro single chamado "Aceite-C", seguido de seu primeiro EP "Modo Diverso" (2015), e posteriormente, seu primeiro álbum "Orgunga" (2016), uma palavra inventada que, na língua própria de Dalasam, significa "orgulho que vem depois da vergonha". Depois disso, lançou uma primeira versão como EP, em 2020, do que viria a ser seu próximo álbum, em 2021: Dolores Dala Guardiã do Alívio (DDGA). DDGA tem por objetivo conduzir seu público a uma jornada emocional, através de versos poéticos e rimas singulares de alguém que incessantemente procura a calma em um mundo hostil. Enquanto Orgunga era "o orgulho que vem depois da vergonha", DDGA vislumbrava ser o alívio que vem depois da dor.

Rico se utiliza da sua arte e imagem para demarcar sua existência enquanto um corpo periférico, *queer* e racializado, representando como é ocupar todos esses espaços de maneira simultânea e interseccional através da sua obra musical. Como, por exemplo, em seu primeiro single "Aceite-C", onde ele permeia sua vivência periférica através do trecho "Minha saga é de quem pegou dois busão e trem / Quem vem da lama aqui não tem medo de *rain*" e emenda descrevendo sua ascensão social em "Viu que eu tô em Punga né, fino no inglês / Vou fazendo contato com os contratos que me vem / Vou mandando um tchauzinho da escada *airplane* / Aí, eu mudei de classe quando eu decidi ser quem só", justificando que a mudança de classe veio por ele ser quem é, "Eu / Outro não dá pra ser / Sem crise, sem chance / Que a vida é uma só".

Ainda no EP "Modo Diverso" (2015), através da música "Riquíssima", ele continua a abordar sua origem e ascensão social, como através dos trechos "Eita, sou filho de mãe nordestina / Dei minha cara na medina" e "Sou fina / Primeiro do ramo afirma / Driblo o que a vida destina", fazendo referência ao fato de ser o primeiro rapper assumidamente LGBTQIA+ da cena, e ainda brincando com o uso dos gêneros na

linguagem ao falar no feminino "Sou fina". Continuando em "Riquíssima", nessa mesma música, ele interseccionaliza sua vivência racial e social através do trecho "Eis aqui / Um negrinho cheio de querer / Trocando Campos Elíseos por Champs Elysées", onde ele materializa a ascensão social ao dizer que trocou Campos Elíseos (um dos bairros mais socialmente fragilizados, da cidade de São Paulo) por Champs Elysées (uma prestigiada avenida de Paris, na França) e simultaneamente reafirma sua identidade racial. Ele segue permeando sua experiência fragmentada e inclui signos associados ao universo *queer*, como ao citar "Na Reunião da cúpula / Para ver RuPaul no sofá", sendo RuPaul um reality show dos Estados Unidos, muito popular, de competição entre *drag queens*.

Já em "Orgunga" (2016), Rico traz a canção "Esse Close Eu Dei", onde todas as suas identidades são representadas de maneira ainda mais intrínseca, como através dos trechos "Favela vem *hackear*", em que destaca sua origem periférica junto a sua ascensão social, que se reafirma em "Vem e aceita que onde ninguém foi eu vou tá", juntamente com termos de linguagem associados a simbologia LGBTQIA+, como a expressão "Esse close eu dei", onde "dar um close" é uma expressão que significa: mandar bem, fazer algo bom, acertar.

Em um próximo momento do seu trabalho, Rico passa a abordar e representar suas pautas identitárias com outro tom, chegando a Dolores Dala Guardiã do Alívio (DDGA), em 2021, com canções como "DDGA", que abre o álbum e leva o mesmo nome que ele, falando sobre alívio e que já não é o mesmo de antes e expressa isso através da sentença "Porque a melhor versão de nós / Nunca foi na agonia / Na confusão dos ódios, na distração dos brancos", onde mesmo com outra abordagem, suas demarcações identitárias não deixam de existir, e ele o faz ao encerrar o trecho do discurso com um marcador de luta racial. Partindo para "Expresso Sudamericah", Rico também utiliza de recursos associativos para descrever cenários comuns a sujeitos provenientes de uma mesma realidade, como "Chorei, sentado na estação / Cansado de ser forte, me sentindo atrasado", onde descreve uma vivência própria, de alguém vivendo uma rotina comum, não desejada e frustrada.

"Braille" é uma das canções mais populares de Rico, também pertencente ao álbum DDGA, onde ele representa a sua vivência LGBTQIA+ e racial com uma abordagem relacional, falando sobre os conflitos envolvidos ao se relacionar com um

homem branco. Ele começa falando que "esse moleque me tira do sério / Me deixa triste mais tarde" e "Entre brigas e cinzeiros, eu acordo primeiro / Para ter foto sua em meu travesseiro", descrevendo o que parece ser o início de uma relação, com as suas inseguranças, que são somadas as questões raciais representadas pelo trecho "Caro, menino branco / Esse nosso encontro pede a lucidez / De saber o lugar que me encontro / E você, por sua vez / Se é para andar ao meu lado, saiba que / Alguém foi senhor / Alguém foi escravo", destacando o impacto de uma relação interracial, onde cada um deles não são vistos a mesma maneira pela sociedade.

Ainda em DDGA, Rico utiliza de um recurso interessante em "Circular 3", que é um interlúdio (faixa de "transição", mais curta, que separa duas outras faixas), onde um áudio de um diálogo real foi gravado, com pessoas conversando, provavelmente em um terminal de ônibus, enquanto aguardam: "Ele falou demora demais, ele falou, sair daqui. Saiu um agora / O 2, ele sai da rua da delegacia e vai pelo Maria Rosa / Vai em direção a Tomé". Uma troca usual, mas ao utilizar pessoas reais, falando sobre problemas reais, descrevendo rotas reais, ele se conecta diretamente ao público que, provavelmente, já experienciou, um dia, esse mesmo diálogo, que já fez essa mesma rota, promovendo assim um sentimento de representação e identificação instantânea. O interlúdio termina com "Mas nós 'tamo aqui numa boa / Vamo ficar numa boa aqui / Vamo ficar na paz / Vamo ficar na paz / Olha a rede no seu celular / Ouve sua música / Vai olhando aí / Porque vai dar volta esse ônibus", um acolhimento sutil dentro do diálogo, uma tentativa de confortar dentro do desconfortável.

Sendo assim, ao buscar em suas obras signos e símbolos que representam a identidade plural de Rico, é possível obter múltiplos exemplos, tornando evidente que Rico utiliza do seu espaço midiático e do seu discurso para demarcar e representar sua(s) identidade(s). A representação viabiliza o estabelecimento das identidades, e através da sua obra, Rico explicita quem ele é, o que ele pode ser e o que ele quer ser, construindo um espaço onde há a possibilidade de se posicionar e falar não só por ele próprio, mas também por outros e para outros que identificam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os diferentes marcadores identitários expressivos no consumo simbólico de Rico Dalasam envolvem questões de identidade, gênero, sexualidade, raça, classe social e pertencimento cultural.

Rico é conhecido por ser um rapper gay e sua presença e representação no cenário musical desafiam as normas de gênero e sexualidade. Ele utiliza do seu espaço midiático para questionar estereótipos de masculinidade e feminilidade, promovendo uma visão mais ampla e inclusiva de identidades de gênero e se tornando uma figura de identificação para pessoas LGBTQIA+ que encontram na sua música um espaço de expressão e pertencimento.

Em somatório, Rico Dalasam traz questões relacionadas à raça para suas letras e performances, abordando a experiência de ser um corpo preto no Brasil, discutindo a discriminação racial e promovendo o orgulho racial como parte de sua identidade artística. Embora nem sempre seja o foco principal de suas músicas, Rico também aborda a realidade das classes sociais marginalizadas em suas letras. Ele retrata os desafios enfrentados pelas comunidades periféricas, se colocando como centro, como protagonista, lembrando sua origem e história, trazendo questões de desigualdade e injustiça social.

Rico Dalasam é uma epítome de interseccionalidade, fato esse que reflete em sua arte, onde ele traz elementos da cultura afro-brasileira, da cultura LGBTQIA+ e da cultura periférica, incorporando ritmos e estilos que são provenientes da sua própria vivência. A arte de Rico possibilita que pessoas que compartilham desses mesmos locais identitários encontrem conexão e pertencimento através do consumo de sua música, desafia normas culturais e cria espaços de representação e visibilidade para comunidades marginalizadas, oferecendo uma plataforma para a exaltação e a expressão de identidades diversas, levando aqueles que o consomem a dizer: "esse sou eu, outro não dá pra ser", porque outro não querem ser.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, N. G. **Consumidores e Cidadãos:** Conflitos multiculturais da globalização. 23ª ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

CANCLINI, N. G. **El consumo cultural**: una propuesta teórica. In: Sunkel, Guillermo (coord.). *El consumo cultural en América Latina*. Bogotá: Convênio Andres Bello, 1999.

ESCOSTEGUY, A. C. e JACKS, N. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MARQUES, A. C. S. “**Política da imagem, subjetivação e cenas de dissenso**”. *Discursos Fotográficos*, v. 10, n. 17, 2014.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1997.

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo**: travessia latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, J. **Diversidade em convergência**. *Matrizes*. São Paulo. V. 8 - Nº 2 jul./dez. 2014.

RANCIÈRE, J. **O desentendimento – política e filosofia**. Tradução de Ângela Leite Lopes. — São Paulo: Ed. 34, 1996.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. SILVA, Tomaz Tadeu (Org), Petrópolis: Vozes, 2000.